

## A imanência da mão esquerda

**BRUMANA, Fernando Giobellina.** *El lado oscuro. La polaridad “sagrado/profano” y sus avatares.* Katz Editores, Buenos Aires, 210 p.

Oscar Calavia Sáez  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Como aponta Fernando Giobellina, *El lado oscuro* recapitula uma reflexão iniciada no seu primeiro livro sobre Marcel Mauss (1983), e continuada em *Sentido y Orden* (1990) e *Soñando con los dogon* (2005), acompanhada sempre pelos seus trabalhos dedicados às religiões brasileiras de raiz africana, que deixam abundantes rastros no texto. Também, acrescento eu, por um trabalho menor, *Diarios de la India* (2009), uma lembrança de suas primeiras pesquisas de campo e da tentativa frustrada de encontrar sistema na prática de uma feiticeira “do Mal”. Essa referência é apropriada porque *El lado oscuro* se encontra com uma dificuldade quiçá não análoga, mas ao menos partícipe de uma mesma contaminação: é difícil falar com clareza sobre o lado obscuro.

*Sentido e Ordem*, muito de acordo com o seu título, foi um livro iluminador que, em torno do estudo das classificações simbólicas, identificava toda uma história da antropologia votada às noções de limites, margens, e categorias, reunindo produções francas e anglófonas, autores paradigmáticos e franco-atiradores. *Soñando con los Dogon* era uma crônica da expedição Dakar-Djibouti que, por meio do contraste entre seus protagonistas mais lembrados, Marcel Griaule e Michel Leiris, encontrava nessa empresa francesa uma versão radical do conflito entre concepções diferentes da etnografia. Também localizava essa *brouse*, esse

*mato* genérico e ominoso ao que tantas vezes se faz alusão neste novo livro, esse *fora* de onde surge, obscuro, o poder simbólico.

*El lado oscuro* pode ser, comparado com seus antecedentes, efetivamente obscuro, seja pela própria substância do seu tema, seja porque em algum momento a sua reflexão em volta dos dualismos – o sagrado e o profano, a esquerda e a direita, o sagrado esquerdo e o sagrado direito, o hegemônico e o subalterno, o masculino e o feminino – se faz vertiginosa e o leitor pode perder o fio entre sacrifícios no terreiro e na pólis grega, entre as sínteses teóricas frustradas e o nada que coroa qualquer síntese. Mas a viagem, longa, pode ser muito rica.

Afinal, o que mais pode se dizer sobre as polaridades clássicas da antropologia? Mergulhar nelas é como mediar aquelas brigas de casal que a tradição conformista recomendava ignorar, porque ali dentro as razões se extraviam: cada lado reflete, espelha, ou carnavaliza o outro, e enquanto o senso comum ainda busca um bom modo de separar, o olhar mais experiente suspeita que isso nunca será possível. No acirramento de sua diferença, os polos apenas mostrarão que estão feitos um pelo outro. As sínteses mais brilhantes sobre o dualismo passam por alguma fuga surpreendente: assim como a proposição de Latour (fora do foco deste livro), de que alguma grande dicotomia da história do Ocidente nunca, na verdade, existiu; ou a de Lévi-Strauss de que cada dualismo exista em função de um terceiro termo implícito. Fernando Giobellina inspira-se de fato em Lévi-Strauss, em suas reflexões sobre o átomo de parentesco (essas que introduzem o contraste entre os afins, mas também entre o pai e o irmão da mãe a respeito do filho/sobrinho) para expor, um bom trecho antes do final do livro, o que ele designa como a conclusão sociológica mais importante deste. Traduzo:

[...] se não há cultura sem reciprocidade entre unidades equivalentes, também não há cultura [...] sem uma “não-reciprocidade” entre unidades que se mantêm como polos de um mesmo eixo semântico mas que têm valores opostos, um positivo e o outro negativo, ou, melhor, um preeminente e o outro subalterno. (p. 170-171)

Ou seja, dito de um modo cru, ou cruel, não há cultura sem marginalização e sem estigma, como não há cultura sem troca. Formalmente, essa conclusão se reduziria a um exercício estrutural, o da articulação entre uma oposição equipolente e outra hierárquica, que já pode se encontrar formulada em vários lugares da antropologia, e especialmente nas teorias sobre o parentesco (veja-se, por exemplo, o “dravidianato amazônico” com seu diametralismo concêntrico ou vice-versa). Mas, segundo me parece deduzir do livro, o ponto não está na língua, mas na fala, ou até na performance: a antropologia tem preferido, em geral, não pronunciar-se sobre o abismo.

*El lado oscuro* dá as costas, durante muitas páginas, à dualidade, para enfocar esse território da margem e do estigma, como se ele pudesse ser descrito por si mesmo, como se fosse essencial, uma mão esquerda sem mão direita, uma “negatividade que não o seja de positividade nenhuma, ou melhor, uma negatividade positiva, sem referência a nada fora de si”. Quem se ocupa disso é Georges Bataille, a quem o livro dedica uma longa primeira parte, a metade do seu volume. Bataille, ou mais concretamente a sua produção do período entre guerras, distribuída em quatro revistas efêmeras: *Documents*, *La critique sociale*, *Contre-Attaque* e *Acéphale*, assim como nas não menos efêmeras reuniões do Collège de Sociologie. Entre libertinagem e cabotinagem, entre provocações ao bom gosto e constrangedoras reverências à estética fascista (que lhe valeram muitas suspeitas de seus amigos de esquerda), Bataille teve o mérito de levar a sério a noção de gasto inútil, de perda, de destruição. Essa noção,

inspirada nas figuras do *potlacht* e o sacrifício asteca – e exposta de modo mais completo no seu livro *La part maudite* – já se revelou preciosa para entender a economia dos *selvagens*, empenhados em destruir riqueza para não penhorar seu modo de vida à servidão do crescimento. De fato poderia ser aplicada também (alguém o deve ter feito!) à economia contemporânea, ainda devotada em escala muito maior à destruição, mas com a indignidade de o disfarçar atrás de álibis utilitaristas.

Que a destruição seja a finalidade de algo repugna a sensibilidade racional. Mauss ou Hertz trataram da troca (dessa troca improdutiva do *kula*) ou da noção de pecado, ou da noção de sacrifício – presente nos capítulos finais de *El lado oscuro* – e insistiram em encontrar a utilidade desse gasto, afinal seria um investimento cujo ganho está na reintegração da sociedade, na realização do coletivo. Um sacrifício que serve à integração de uma sociedade que vive para a celebração do sacrifício? Bataille aponta, sem dar voltas, para esse fim, para a nada, para essa aniquilação em que o ser humano parece encontrar o antídoto do tédio.

O autor identifica Michel Leiris como a pessoa designada para transformar essa intuição às vezes histérica de Bataille em algo assim como a síntese dos trabalhos da escola sociológica francesa. Ele tinha feito o que nem Mauss, nem Hertz, nem Bataille fizeram: trabalho de campo em lugares (o país Dogon e Gondar) onde o sacrifício, e as sociedades secretas, ao mesmo tempo poderosas e marginais, donas de uma linguagem plena de evocações e inutilizada para a comunicação, eram realidades vivas, e não especulações arqueológicas nem fantasias irracionalistas. Ele, refletindo sobre ambas as experiências com a ajuda de sua visão desencantada da prática etnográfica (essa que supura em cada página de *l'Afrique Fantôme*) poderia ter concluído a reflexão dos seus mestres, sublinhando a força com que o marginal, o obscuro, serve de fonte ou de horizonte (não apenas de catarse) à elaboração social. Mas não o fez. A isso poderia ter chegado com a ajuda de uma intuição poética que não lhe faltava.

Mas ele (à diferença de Bataille, armado de sua vocação de diletante) sentia a urgência de renunciar a todo instinto poético para fazer ciência, e se fazer respeitar na Academia. Conseguiu-o, mas a sua obra pagou o preço, merecendo comentários como este de Métraux: “Temo que o senhor tenha uma concepção triste e mecânica da etnografia: a descrição pela descrição não tem sentido nenhum”.

Mas afinal qual é o sentido de reivindicar o lado obscuro? Ou seja, de reivindicá-lo como tal, sem relativizar, sem alegar que alhures ele pode ser o lado claro, afirmando que, seja lá o aspecto que ele assuma (de fato, o aspecto que ele assume, um símbolo natural ao estilo de Mary Douglas, é bastante constante: a sujidade, o sangue, o informe, o podre) ele deve estar presente e *não deve ser redimido* para que possa fazer o seu papel. Isso contradiz uma das vocações constantes da antropologia, a hostilidade contra o preconceito. Robert Hertz, na conclusão do seu texto sobre a polaridade entre as mãos, chega a se pronunciar, esperançoso, sobre um futuro sem diferenças entre mão esquerda e direita, mais equilibrado e mais rico. O que seria esse futuro sem polaridades? Uma superação deste, ou uma figura da entropia? Bataille, com certeza, o definiria como um mundo tedioso; mas ele era um esteta, um aspirante a Marquês de Sade livre do perigo de ser internado num hospício. A presença do maldito pode ser estimulante para quem não tem que arcar com seu sofrimento. Mas esse mundo sem subalternidade, sem mão esquerda, existe em algum lugar, seria sequer pensável? Provavelmente Lévi-Strauss diria que não, mas ele preferia não mergulhar no escuro. Poderia ser também que esse mundo sem polaridades sonhado por Hertz fosse um mundo tão dividido quanto o nosso, porém regido por um moralismo agigantado, capaz de desterrar seu lado obscuro para além de qualquer existência reconhecida. Nunca se sabe o que reservam os sonhos mais nobres: afinal, e mesmo vindo de um personagem tão grato como ele, as palavras com que Hertz, em suas últimas cartas à esposa desde a trincheira, lhe falava

do seu entusiasmo por aquela carnificina que agora cumpre cem anos, a I Guerra Mundial, não deixam de ser inquietantes.

Mas o livro de Fernando Giobellina, que provoca o leitor a pensar nessas utopias ou distopias, detém-se no seu limiar. *El lado oscuro* dedica, pelo contrário, não poucas páginas à descrição do ambiente intelectual em que toda essa elaboração acontece. Entre militâncias, ingenuidades, picuinhas, depravações, vaidades e genuíno talento, surge frequentemente um sentido da criação intelectual como perda, como gasto inútil: e tudo isso acontecia às vésperas de uma nova carnificina, ainda maior, a maior registrada pela humanidade até o momento, sem poder não já evitá-la, mas nem sequer alterá-la no mais mínimo – refiro-me, é claro, à nova guerra mundial, a segunda, que já batia às portas. Essa reflexão, sim, aparece no livro, como uma espécie de baixo-contínuo. Há uma homologia entre a obra obsessiva de Bataille e o seu tema principal, a perda. A antropologia deveria tentar ser mais pragmática? O debate é velho. Mas tal vez o melhor modo de defender essa ocupação eventualmente inútil seja lembrar que, se está destinada a nada, ela ocupa o mesmo lugar que muitos povos têm designado a suas instituições mais vitais.

## Referências bibliográficas

- BRUMANA, Fernando Giobellina  
1983 *Antropologia dos sentidos*. São Paulo, Brasiliense.  
1990 *Sentido y Orden*. Madrid, CSIC.  
2005 *Soñando con los dogon* Madrid, CSIC.  
2009 *Diarios de la India*; Barcelona, Laertes.